

Após incêndio, Solar Boa Vista segue abandonado

HIEROS VASCONCELOS
REPORTER

Quem passa pelo Engenho Velho de Brotas dificilmente imagina que, por trás de chapas metálicas, janelas concretadas e portões fechados, resiste uma das construções mais importantes da história da Bahia e da literatura brasileira, erguida no século XVIII. O Solar Boa Vista, casarão onde Castro Alves viveu parte da infância e da juventude, transformou-se em um retrato do abandono. Treze anos após ser destruído por um incêndio, em janeiro de 2013, quando abrigava a Secretaria Municipal da Educação, o imóvel segue sem uma restauração efetiva. Embora o Governo da Bahia afirme estar desenvolvendo um projeto de recuperação para o espaço, com a criação do Parque de Economia Criativa, o casarão permanece fechado e com sinais evidentes de deterioração. Enquanto isso, o tempo, a umidade e a falta de manutenção continuam castigando um patrimônio que conta a história de Salvador.

Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) desde 1943, o Solar Boa Vista é um dos mais importantes exemplares da arquitetura histórica da capital baiana. Ao longo de sua trajetória, o casarão também abrigou o antigo Asilo São João de Deus - posteriormente Hospital Juliano Moreira - e, décadas depois, tornou-se sede da Secretaria Municipal da Educação. Hoje, porém, o imóvel protegido por lei permanece fechado, deteriorado e sem que as intervenções estruturais anunciadas tenham mudado, até o momento, a realidade observada por quem passa pelo local.

A importância histórica do edifício sempre mobilizou diferentes setores da sociedade em defesa de sua preservação. Historiadores, arquitetos, pesquisadores e entidades ligadas à cultura alertam há anos que o Solar representa muito mais do que uma construção antiga. Em um

único espaço, reúne parte da história da literatura brasileira, da ocupação de Brotas, da evolução da assistência psiquiátrica na Bahia e da própria administração pública municipal.

VISITA

A reportagem da Tribuna da Bahia esteve na manhã de ontem no local e encontrou um cenário que contrasta com a relevância do imóvel. Toda a construção está cercada por tapumes metálicos e as antigas portas e janelas foram fechadas com blocos de concreto para impedir novas invasões de usuários de drogas e pessoas em situação de rua, problema que durante anos agravou ainda mais a degradação do espaço.

Em muitos pontos, a madeira desapareceu completamente. Da área externa, ainda é possível observar partes da estrutura comprometidas pelo incêndio e pela ação do tempo. Canos quebrados permanecem expostos, vasos ornamentais estão destruídos e a vegetação cresce sem qualquer controle junto às paredes. Nos fundos do casarão, uma antiga estrutura de madeira, hoje bastante deteriorada, lembra um galinheiro improvisado e reforça a sensação de descaso. À distância, ainda é possível identificar, no alto da torre, a inscrição “1876”, referência a uma das reformas realizadas no imóvel durante o século XIX. O número, entretanto, quase desaparece em meio às marcas deixadas pela degradação.

Enquanto a restauração não fica pronta, o tempo continua fazendo o que o incêndio começou. A infiltração provocada pelas chuvas, a exposição constante às intempéries e a ausência de manutenção aceleram, ano após ano, o processo de deterioração da estrutura.

CONTRASTE

O cenário chama ainda mais atenção porque o abandono não atinge todo o complexo. O Cine Teatro Solar Boa Vista mantém atividades culturais, a quadra poliesportiva foi reformada e segue preservada, bancos receberam pin-

tura e a área verde continua sendo utilizada por moradores do bairro. O contraste evidencia que o problema se concentra justamente no edifício histórico que deu origem ao conjunto e que representa um dos principais símbolos da memória cultural de Salvador.

Moradores afirmam que a situação atual, embora ocupante, ainda é melhor do que a encontrada nos primeiros anos após o incêndio. Na época, o imóvel permaneceu aberto e passou a ser ocupado com frequência. Segundo relatos, o interior acumulava lixo, restos de móveis, objetos abandonados e materiais utilizados por usuários de drogas. As invasões se tornaram constantes, obrigando o poder público a concretar portas e janelas e cercar completamente a construção.

Ainda assim, quem vive na região afirma que os problemas persistem. A falta de manutenção favorece o apasrecimento de ratos e outros animais, enquanto o acúmulo de sujeira preocupa moradores do entorno. A professora Luiza Souza dos Santos, de 33 anos, moradora da região do final de linha de Brotas, lamenta o estado de conservação de um dos imóveis mais importantes da cidade. “É muito triste ver um patrimônio desse jeito. Esse casarão sempre chamou atenção pela beleza. Hoje passa uma sensação de abandono. Parece que ninguém lembra da importância que ele tem para Salvador. É um patrimônio que está simplesmente se perdendo diante dos nossos olhos”, afirmou.

O taxista Augusto Nascimento, morador do Engenho Velho de Brotas, afirma que a mudança na paisagem alterou também a relação da comunidade com o espaço.

“Antigamente esse era um lugar tranquilo. As famílias vinham, as crianças brincavam aqui até de noite. Hoje ninguém tem mais essa tranquilidade. Quando escurece fica uma sensação de insegurança. Falta iluminação e aquele casarão abandonado acaba deixando tudo com um aspecto muito ruim”, disse.

dências de veraneio, contribuindo para o desenvolvimento urbano de Brotas.

Foi nesse ambiente que o médico Antônio José Alves estabeleceu residência com a família e onde seu filho, Castro Alves, passou parte da infância e da juventude, período considerado decisivo para sua formação intelectual. As paisagens, os jardins e o cotidiano vividos no Solar aparecem associados às memórias do poeta, que se tornaria um dos maiores nomes da literatura brasileira, autor de *Espumas Flutuantes* e eternizado como o “Poeta dos Escravos” por sua defesa da abolição da escravidão.

Por reunir um dos poucos espaços físicos diretamente ligados à trajetória de Castro Alves e à própria formação urbana de Brotas, o Solar Boa Vista é considerado um patrimônio de elevado valor histórico, arquitetônico, cultural e turístico.

Para pesquisadores, a recuperação do casarão poderá não apenas preservar a memória de um dos maiores escritores brasileiros, mas também fortalecer o turismo histórico e literário de Salvador, integrando o imóvel a roteiros voltados à valorização do patrimônio cultural da capital baiana.



Fotos: Romildo de Jesus

PATRIMÔNIO

Tombado pelo Iphan, o local é referência em arquitetura histórica da capital

Imóvel foi residência de Castro Alves

Com a morte precoce de Castro Alves, aos 24 anos, e as transformações urbanas ocorridas em Salvador nas décadas seguintes, o casarão deixou de ser residência da família. No início do século XX, o imóvel passou a integrar a estrutura do antigo Asilo São João de Deus, instituição voltada ao tratamento de pessoas com transtornos mentais e que, anos depois, daria origem ao Hospital Juliano Moreira, uma das mais importantes referências da psiquiatria baiana.

Naquele período, o Solar Boa Vista passou a exercer uma função completamente diferente daquela para a qual havia sido construído. Salas

antes utilizadas como dormitórios e espaços familiares foram adaptadas para atividades administrativas e assistenciais ligadas ao hospital psiquiátrico. A mudança marcou uma nova fase da história do edifício, acompanhando as transformações pelas quais passava a assistência em saúde mental na Bahia ao longo do século XX.

Com o passar dos anos e a reorganização da rede pública de saúde, o antigo hospital deixou de utilizar o casarão. A construção voltou a mudar de função, desta vez passando para a administração pública municipal. Durante esse período, o Solar Boa Vista abrigou repartições da

Prefeitura de Salvador e, posteriormente, tornou-se sede da Secretaria Municipal da Educação.

Mesmo com sucessivas mudanças de uso, o imóvel preservou seu reconhecimento como patrimônio histórico e cultural. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o casarão permaneceu sendo lembrado principalmente por sua ligação com Castro Alves. Ao longo das últimas décadas, estudantes, pesquisadores e admiradores da literatura brasileira visitavam o espaço justamente pela importância simbólica do imóvel para a história da cultura nacional.

Incêndio foi marcado por mistérios

Na noite de 3 de janeiro de 2013, o Solar Boa Vista deixou definitivamente de ser apenas um prédio histórico para se transformar em um dos maiores símbolos da perda do patrimônio cultural de Salvador. Um incêndio de grandes proporções consumiu boa parte da estrutura do casarão, destruindo telhados, pisos, forros e comprometendo seriamente sua estabilidade. As chamadas mobilizaram equipes do Corpo de Bombeiros e chamaram a atenção de moradores de Brotas, que acompanharam, sem poder fazer nada, a destruição de um imóvel que atravessava séculos de história.

Naquele momento, o edifício funcionava como sede da Secretaria Municipal da Educação. A dimensão dos danos provocou comoção entre historiadores, arquitetos, entidades de preservação e representantes

da cultura baiana, que passaram a cobrar providências imediatas para evitar que o casarão desaparecesse definitivamente.

Como o prédio abrigava documentos administrativos da Secretaria Municipal da Educação, surgiram comentários de que o fogo poderia estar relacionado a uma suposta “queima de arquivo”. A hipótese ganhou repercussão política e foi amplamente comentada nos bastidores da cidade. Entretanto, ela nunca foi confirmada pelas investigações oficiais. As apurações conduzidas após o incêndio apontaram um curto-circuito como causa provável das chamadas, sem que fosse comprovada qualquer ação criminosa relacionada à destruição de documentos.

Desde então, o que era para ser uma recuperação emergencial transformou-se em um impasse que atravess

sou diferentes gestões municipais sem solução definitiva. Ao longo dos últimos treze anos, projetos de restauração foram anunciados, discutidos e cobrados por parlamentares, pesquisadores e entidades ligadas ao patrimônio histórico. O casarão, contudo, jamais voltou a receber uma obra de recuperação capaz de devolver ao imóvel sua função e sua importância cultural.

“A situação desperta preocupação entre especialistas em preservação do patrimônio, já que imóveis históricos abandonados tendem a sofrer um processo contínuo de degradação estrutural. Quanto mais o tempo passa sem intervenções adequadas, maior é o risco de perdas irreversíveis e mais elevado se torna o custo de uma futura restauração”, avalia o restaurador Igor Albuquerque Souza.



DANOS

Incêndio em janeiro de 2013 deixou evidente o estado de deterioração

FEIRA

Edson Gomes é internado em UTI de hospital na Bahia

O cantor baiano Edson Gomes, de 71 anos, foi internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) de um hospital particular em Feira de Santana, segunda maior cidade da Bahia, após passar mal depois de um show rea-

lizado na noite do último domingo (2), na Concha Acústica do Teatro Castro Alves (TCA), em Salvador.

PASSOU MAL

Segundo a assessoria do artista, que mora em São

Félix e seguia para casa, Edson Gomes passou mal após a apresentação e precisou ser levado para atendimento médico.

Em nota, a equipe do cantor informou que o estado de saúde dele é estável.

POLÊMICA

Em abril deste ano, o nome do cantor esteve envolvido em uma polêmica com a cantora Daniela Mercury, que fez uma cobrança pública durante a cerimônia de entrega do Troféu Armandinho e Ir-

mãos Macedo. Ao receber o prêmio de “Hit do Carnaval” pela música É Terreiro, Daniela afirmou: “Edson, peço que você seja carinhoso com a sua esposa, porque a gente não aceita nenhuma violência contra a mulher.” Na ocasião,

a artista também pediu que os colegas do meio musical se unissem no combate à violência contra a mulher, com atenção especial às mulheres negras, que estão entre as principais vítimas desse tipo de crime. **Fonte: G1 Bahia**